



Apresentação

Presentación

Introduction

Fernanda Bruno
Graciela Natansohn
Henrique Parra
Paola Barreto
Rodrigo Firmino

Português

Uma rede não tem medida. Ou ainda: uma rede tem a medida de suas conexões. Não há, pois, dimensão nem escala pré-definidas quando operamos efetivamente em rede, uma vez que ela cresce ou diminui, toma essa ou aquela direção à medida dos encontros, parcerias, rupturas e religações que estabelece em seu percurso. A Rede LAVITS celebra, com este evento realizado em Salvador, 10 anos de conexões. Sua idade, sua forma e sua medida são o resultado de todos os processos tecidos ao longo das múltiplas parcerias construídas entre 2009 e 2019. As profundas e fortes encruzilhadas da cidade de Salvador, Bahia, não poderiam ser terreno mais farto para tal celebração.

Quando imaginamos, ainda em 2017, realizar o VI Simpósio Internacional na Rede LAVITS em Salvador, vislumbramos nesse destino um solo fértil para situar e corporificar o debate sobre tecnologias de vigilância e sociedade, considerando nosso contexto latino-americano forjado na colonialidade. A partir de 2018 essa decisão se mostrou não só acertada, mas especialmente oportuna, dado o acirramento do quadro político no país (impulsionado em grande medida pelas tecnologias pervasivas dos grupos de Whatsapp e canais de fake news nas redes sociais), e a consolidação do nordeste brasileiro como relevante espaço de resistência e luta.

Com sua urbanidade marcada desde a fundação por projetos de exclusão executados por políticas de morte, a primeira capital do Brasil se ergue como fortaleza da coroa

portuguesa em meio a território tupinambá. É à essa terra que as tecnologias seiscentistas chegam varrendo povos originários e instalando a empresa colonial - onde se produzem não apenas epistemicídios, mas também tecnologias de resistência e reexistência, sobretudo a partir da chegada das populações africanas que aqui aportam escravizadas. Como eixo afro-atlântico, Salvador, a Roma Negra, reúne, em seu imaginário e sua geografia, lutas históricas e contemporâneas, e é esse germe que procuramos ativar através da intensa programação de três dias que compôs o Simpósio Assimetrias e (In)visibilidades: vigilância, gênero e raça.

Extremamente relevante e oportuno, ainda, que o Simpósio fosse sediado pela Universidade Federal da Bahia, não apenas pela sua tradição e excelência em pesquisa sobre questões raciais, como também pelo pioneirismo na pesquisa sobre gênero e tecnologia no Brasil e na abordagem interdisciplinar no campo das artes e humanidades (conduzidas pelo grupo Gig@ - Facom e pelo IHACS, respectivamente, ambos co-organizadores do Simpósio). Nos encontrávamos, assim, com as condições e conexões mais favoráveis para o debate e o enfrentamento dos temas propostos no evento.

Ainda que a crescente presença de processos de vigilância nos espaços urbanos, informacionais e sociais seja um fenômeno global, suas inscrições locais comportam peculiaridades que merecem ser pesquisadas e debatidas. Sabe-se que na América Latina, e no Brasil em particular, as tecnologias e práticas de vigilância e controle são historicamente atreladas a estruturas coloniais, estatais e econômicas de produção de desigualdades, segregação ou mesmo extermínio de populações específicas, especialmente indígena e negra. Sabe-se, igualmente, que a criminalização da pobreza vem sendo reproduzida em diferentes momentos da história latino-americana e brasileira, tornando territórios, comunidades e populações pobres alvos privilegiados da violência, vigilância e controle por parte do Estado. Ao mesmo tempo, são historicamente conhecidas as diversas formas de controle e vigilância sobre o corpo e a vida das mulheres, muitas delas ainda presentes, sob velhas ou novas práticas.

Apesar da evidência de todos esses processos, os estudos de vigilância ainda não lhes dedicaram a devida atenção. Essa edição do Simpósio Internacional LAVITS teve como foco o enfrentamento dessa lacuna, levando em conta tanto as heranças históricas da

relação entre vigilância, gênero e raça, quanto os seus desdobramentos contemporâneos. As atuais arquiteturas, dinâmicas e tecnologias de vigilância persistem sendo marcadas por uma forte assimetria, vigiando, controlando e punindo certos grupos e garantindo a segurança, o conforto e a mobilidade de outros. Os aparatos de vigilância e controle persistem operando entre a invisibilidade dos sujeitos e corpos subjugados e a hipervisibilidade do corpo racializado, do corpo sexualmente mercantilizado da mulher ou do corpo transexual hostilizado. Tais regimes de (in)visibilidade articulam-se a arquiteturas de violência que tornam alguns mais suspeitos, mais perigosos, mais indesejáveis, mais matáveis que outros. Compreender as heranças dessas assimetrias e invisibilidades, bem como explorar e analisar as formas que elas assumem nos aparatos contemporâneos de vigilância visa não apenas preencher uma lacuna na produção de conhecimento, como também abrir horizontes de pesquisa e de debate público e científico sobre o tema.

A convocatória inicial para a submissão de resumos, dirigida a pesquisadores, artistas e ativistas, indicava uma vasta lista temática, cujos tópicos foram explorados na forma de apresentações individuais, oficinas, sessões temáticas e intervenções artísticas:

- Vigilância, desigualdades e vulnerabilidades
- Assimetrias da vigilância: racismo e sexismo
- Afetos e tecnologias: redes de controle e de insurgência
- Corpos, técnicas e regimes de (in)visibilidade
- Arte, estética e políticas da (in)visibilidade
- Subjetividades e modos de subjetivação na cultura da vigilância
- Tecnoativismos, feminismos e narrativas (storytelling)
- Tecnopolíticas do comum: produção, apropriação, extração e resistências
- Saberes, tecnologias e resistências: ancestralidade e decolonialidade
- Laboratórios, metodologias de pesquisa e práticas experimentais nos estudos de vigilância
- Investigação e Intervenção: pesquisa ativista; ficção; simulação; pré-figuração e protótipos.

- Heranças da vigilância e táticas de resistência na América Latina: quilombolas, povos originários, trabalhadoras da terra etc.
- Movimentos sociais e conflitos: anonimato, criptografia e segurança
- Comunicação pública sobre vigilância na América Latina: especificidades e desafios
- Necropolítica, Estado e neoliberalismo: populações, territórios e modos de vida vulneráveis
- Democracia, exceção e autoritarismo no capitalismo de vigilância
- Discurso de ódio e desinformação nas redes sociotécnicas
- Democracia e maquinarias de controle
- Eleições e Big Data
- Governamentalidade algorítmica, inteligência artificial e capitalismo maquínico
- Dados pessoais, comportamentais e psicométricos nas redes sociotécnicas
- Capitalismo de vigilância, de plataforma e o uso econômico de dados informacionais
- Trabalho digital global no capitalismo de plataforma e de vigilância
- Trabalho e automação: controle, regulação, extração, direitos
- Cidades e territórios: da gestão “inteligente” à militarização do cotidiano
- Territorialidades subversivas
- Políticas da verticalidade: drones, satélites e visibilidades de sobrevôo
- Infra-estruturas e hiper-objetos de vigilância e controle

Além dos trabalhos submetidos e apresentados, o evento contou com a participação de pesquisadoras e pesquisadores convidados, cujos campos de atuação incluíam a academia, o jornalismo, as artes, a segurança pública, organizações comunitárias de base, tecnoativismo e feminismo nas Américas Latina e do norte¹. A conferência de

abertura de Simone Browne² deu o tom e a medida, trazendo uma leitura do dispositivo panóptico não a partir da torre de Bentham, mas do navio negreiro, pensando a *plantation*, o sistema colonial e a escravidão como tecnologias de vigilância e controle. No desenho das demais mesas³, buscamos construir com nossas convidadas uma visada interseccional sobre a tecnologia e os modos de olhar e cuidar. Historicamente o conceito de tecnologia se constitui como categoria que se opõe ao “primitivismo” de corpos racializados ou à incapacidade de corpos feminilizados, como se estes não produzissem tecnologia ou como se essa própria ideia de tecnologia não fosse, ela mesma, produção racializada e generificada. Ao pensar a vigilância a partir do gênero e da raça, produzimos outros embates e modos de pensar as tecnologias, que possibilitam desarmar armadilhas da colonialidade e criar modos de subjetivação potentes.

Este reposicionamento do olhar para a vigilância buscava consolidar novas pautas tecnopolíticas descoloniais, não apenas nos instantes passageiros do simpósio, mas também na existência e na organização da própria Rede Lavits.

A imagem síntese que configurou a chamada de trabalhos e toda a visualidade do evento é o graffiti de inspiração Afrofuturista realizado pela artista soteropolitana Octaedro, estudante da graduação da UFBA. Nela vemos uma mulher negra segurando um objeto de poder, o que pode nos remeter tanto às sociedades secretas femininas e seu protagonismo nas lutas baianas pela independência e a abolição, quanto às Pretas Hacker, organização que reúne mulheres pretas que trabalham com tecnologia hoje no Brasil, e sem a qual o VI Simpósio não teria acontecido como foi. “Mulher preta é revolução!” afirma outro graffiti reproduzido pelas ruas de Salvador. Desse modo, o Simpósio não poderia ser finalizado de forma mais apropriada: com a marisqueira Eliete Paraguassu encerrando a última mesa trazendo para arena a luta das

¹ Cf. Participantes convidadas/os em http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/06/Mesas-Redondas_LAVITS-2019.pdf

² Professora associada do Departamento de Estudos Africanos e Diáspora Africana na Universidade do Texas, Austin, EUA, e autora do livro *Dark Matters: on the Surveillance of Blackness* (Duke University Press, 2015).

³ Cf. Programação das Mesas Redondas em http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/06/Mesas-Redondas_LAVITS-2019.pdf.

comunidades quilombolas contra a exploração do Petróleo na Ilha de Maré.

A programação artística intensa compôs um amplo painel de estéticas da vigilância, incluindo espetáculos teatrais, performances, instalações interativas, mostras fotográficas e projeção de vídeos. As obras e performances apresentadas contaram com forte participação de artistas brasileiros, especialmente da Bahia, além de uma realização fílmica canadense⁴. Com foco na pluralidade, o evento reuniu pesquisadoras/es de diversos Estados do Brasil, com expressiva presença de estados do Nordeste, além de pesquisadoras/es do México, Costa Rica, Argentina, Chile, Espanha, Suíça, Reino Unido e Canadá. Em números: foram mais de 700 inscritos, mais de 100 trabalhos individuais apresentados, programação artística diária com quase 20 trabalhos em distintas mídias e linguagens, 4 mesas de debates, 8 oficinas, 5 sessões livres e mostras paralelas de estudantes da UFBA.

A pluralidade que marcou as intervenções e debates nos três dias do evento é sensível nos 58 artigos reunidos nestes Anais. Os trabalhos enviados para a publicação final foram organizados em 11 sessões, de forma a potencializar o diálogo interdisciplinar e interseccional em composições e contextos específicos, transbordando os limites inicialmente desenhados pelas sessões temáticas⁵ do simpósio. Nesta edição ficou evidente como as perspectivas de gênero e raça estiveram presentes em todas as sessões, complexificando o campo de estudos de vigilância. Estudos empíricos e teóricos que exploram as convergências entre a crescente aplicação de algoritmos para a gestão da vida social e a atualização de dispositivos sexistas e racistas; as metaformoses nos modos de subjetivação e na sexualidade nos processos tecnicamente mediados; as formas de resistência que são inventadas diante de novas formas de controle; a expansão dos processos de militarização, securitização e seu entrelaçamento com a necropolítica, destacando sua distribuição seletiva e assimétrica sobre populações específicas.

A concentração, na UFBA, de pesquisadoras/es e pensadoras/es de destaque nacional e internacional no campo dos estudos de vigilância, tecnologia e sociedade

⁵ A programação completa de todos os trabalhos aprovados e sua distribuição nas sessões temáticas do evento está disponível aqui: http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/06/Sesso%CC%83es-Tema%CC%81ticas_LAVITS-2019.pdf

potencializou a vocação da universidade pública e gratuita brasileira para a formação e para o embate por direitos, liberdade, diversidade e experimentação. As temáticas, perspectivas e presenças intelectuais, epistemológicas, corporais e estéticas que marcaram o simpósio não teriam a força e a qualidade que tiveram sem o lastro recente e contundente da política de cotas raciais e sociais na universidade pública brasileira. Ao mesmo tempo, todos esses aspectos ganham efetiva força transformadora quando ampliam e deslocam as margens da pesquisa e do pensamento acadêmico, tecendo novas conexões e zonas de vizinhança (Fernanda Monteiro). Todo esse processo, realimentado num encontro sediado na Universidade Federal da Bahia e materializado parcialmente nestes Anais⁶, reforça um sentido de oportunidade - *kairòs* - como lembrou o artista baiano Diego Araújo, em refinada reflexão sobre tempo crônico e *Iroko*. Nessa encruzilhada saudamos a pedagogia de Exu (Luiz Rufino⁷), e aguardemos que novos germes frutifiquem em nossa Rede LAVITS.

Sumário

==Vida Algorítmica, racismo e modos de subjetivação==

Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código

Tarcízio Roberto da Silva

A indústria da influência e a gestão algorítmica da atenção

Anna Bentes

Modulações algorítmicas no Facebook: analisando tecnologias de orientação de comportamento a partir de suas patentes

⁶ Tal como nos demais Simpósios Internacionais da Rede LAVITS, os Anais reúnem os textos completos dos trabalhos apresentados nas sessões temáticas e sessões livres do evento, e cuja publicação foi autorizada por suas/seus autoras/es. As demais participações em oficinas, intervenções artísticas, conferências e mesas redondas podem ser conferidas na programação do evento e em registro audiovisual disponível neste link: <http://lavits.org/confira-a-programacao-do-vi-simposio-internacional-lavits/?lang=pt>

⁷ Cf. Rufino, L. Pedagogia das Encruzilhadas, 2018. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504>

Débora Franco Machado

Policiamento Preditivo, Discriminação Algorítmica e Racismo: Potencialidades e Reflexos no Brasil.

Pedro Arthur Capelari de Lucena

A evolução dos mecanismos de rastreamento e vigilância intrusivos em clientes web

Rodolfo da Silva Avelino

Algoritmos e autonomia: relações de poder e resistência no capitalismo de vigilância

Adriana Veloso Meireles

O ranking do homem endividado: sobre modos de subjetivação a partir do novo Cadastro Positivo

Paula Cardoso Pereira

A reprogramação da sociedade nos discursos sobre algoritmos

Sergio Amadeu da Silveira; Lucas do Vale Moura; Lucas Theodoro Guimarães de Almeida

Governamentalidade algorítmica e Big data: o uso da correlação de dados como critério de tomada de decisão

Francisca Alana Araújo Aragão e Pablo Severiano Benevides

==Tecnopolítica, Corpos, Gênero e Raça==

Um olhar sobre a influência das tecnologias da informação e comunicação sobre as

relações de gênero

Antonia Juliana Rodrigues Silva

“Carrego seu filho por R\$ 100 mil”: visibilidade e vigilância nos discursos e práticas sobre barriga de aluguel e adoção na internet

Angélica Fonsêca de Freitas

“Jovem”, “bonita”, “não tinha namorado”: corpo, gênero e representações sociais nas narrativas midiáticas sobre episódios de violência contra a mulher

Amanda Tavares de Melo Diniz

Nós, velhos de espírito jovem: risco e vigilância nos sentidos da velhice contemporânea

Cláudia Linhares Sanz; Mirella Ramos Costa Pessoa

Olhares invisíveis: vigilância e solidariedade feminina em rede

Julia M. Sampaio; Teresa Soter

Pessoas e presenças trans: academia e internet como espaços de construção de conhecimento

Marília Neri; Sônia Sampaio

Redes sociais e incidência política feminista: uma análise da presença da Marcha das Vadias Recife no Facebook

Nataly de Queiroz Lima

La ciudad de la furia: reclamos feministas y castigo patriarcal en Santa Fe, Argentina

(enero de 2019)

María Laura Schaufler

==Tecnoativismo, raça e gênero==

De: Assata Shakur Para: Rede de Ciberativistas Negras

Viviane Rodrigues Gomes

Que força é essa que vêm na mulher negra? Leituras de ativismos e opressão horizontal

Giovana de Carvalho Castro

“Narrativas codificadas: as histórias que as mulheres negras atuantes em ambientes de produção de tecnologia digital desejam contar”

Claudiana Aparecida Bezera Cabral

Quilombos Digitais: desafios para pensar contemporaneamente o trânsito de imagens e narrativas

Paola Barreto LeBlanc

Mulheres tecnólogas e hackers: apontamentos sobre as experiências de (as)simetrias e (in)visibilidade de coletivas brasileiras

Josemira Silva Reis e Ana María González Ramos

==Sexualidade, afeto e relações tecnicamente mediadas==

Boy Erased: vigilâncias e coerções da heterossexualidade compulsória na cultura brasileira contemporânea

Igor Sacramento; Allan Santos; Júlio César Sanches

Lesbianidades em rede: visibilidades e invisibilidades no YouTube

Joana Ziller; Flora Villas Carvalho; Gab Lamounier; Isadora Rezende Junqueira Fachardo; Leíner

Hoki; Lidia de Paula Ferreira Teixeira; Marina Morena

Os “apps de pegação gay” e os estigmas sorológicos

Matheuz Catrinck Lara

A Vigilância do afeto na territorialidade digital: regime de controle dos corpos no aplicativo Grindr

Thiago Scarpato Mozer

==Democracia, Política, Bigdata==

As redes do conservadorismo brasileiro: mapeando a nova direita no Youtube

Francisco Weichsler Kerche Nunes

North perspectives for a better South? A survey of Big Data approaches in Big Data & Society

Guilherme Cavalcante Silva

Arquitetura-Diagrama e as Cartografias do poder

Ariadne Morais Silva; Solange Valladão

Made in Surveillance: A regulação da importação e do uso de tecnologias de vigilância

estrangeiras e a relativização dos direitos fundamentais e da soberania estatal

Mariana Canto

WhatsApp: a desordem da informação na eleição presidencial brasileira de 2018

Silvana Lemos de Almeida; Priscila Ramos Carvalho; Naiara Silva Evangelo; Roni Franci
Dutra Filgueiras

Discurso político em rede social: as estratégias discursivas dos senadores sobre o
Impeachment de Dilma.

Milena Mangabeira da Silva e Ruth de Cássia dos Reis

==Economia Política da Informação, Trabalho, Direitos==

A reorganização política e econômica do trabalho em torno de influenciadoras digitais
negras

Lídia Michelle Damaceno Azevedo

Coletando dados sobre o Capitalismo de Vigilância nas instituições públicas do ensino
superior do Brasil

Leonardo Ribeiro da Cruz; Filipe Saraiva; Tel Amiel

Conspiração e engajamento no YouTube: o modelo de negócios paranoide das
plataformas

Paulo Faltay

==Cidades, Territórios, Algorítmicos==

Smart Cities como dispositivos biopolíticos

Priscilla Alves Teixeira Branco

Segurança e disciplina: retóricas da vigilância na publicidade imobiliária no Recife

Marcela Barbosa Lins

Ojos humanos, cámaras digitales, sueños algorítmicos. El ensamblado local de vigilantes electrónicos em la ciudad de Ensenada

Martín Javier Urtasun

Cidades Tolas, Cidades Inteligentes, Cidades espertas.

Jéssica da Silva David, Ulisses dos Anjos Carvalho e Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

==Securitização, Militarização, Necropolítica==

O DNA de Moro: o Projeto de Lei Anticrime sob a ótica da proteção dos dados pessoais

Helena Martins do Rêgo Barreto

As vidas invisíveis nas favelas em que o protagonista é a força policial

Janaina Dias Barcelos

Políticas de morte e Precarização da vida: Relato de mães sobre os homicídios juvenis em Fortaleza (CE)

Jéssica Silva Rodrigues; João Paulo Pereira Barros

Dispositivo de Segurança e Racionalidade Necrobiopolítica: o que dizem os Jovens Negros(as) sobre a “Célula de Proteção Comunitária” em Fortaleza?

Aldemar Ferreira da Costa; João Paulo Pereira Barros

Auto de Resistência: articulações das imagens de violência policial e as quebras de incomunicabilidade parental

Pedro Alencar Sant'Ana do Nascimento; Elianne Ivo Barroso

Violência urbana e juventudes: efeitos da necropolítica no cotidiano de escolas públicas de contextos periféricos de Fortaleza

Laisa Forte Cavalcante; João Paulo Pereira Barros

A “raça” da mulher negra na Polícia Militar no Estado do Rio de Janeiro

Marta Maria de Andrade Gomes

A criminalização de movimentos sociais como tentativa de invisibilidade e silenciamento de

vozes e da resistência na atual conjuntura brasileira

Ana Cristina Leal Ribeiro; Marília Neri; Nelson Rocha Lima; Maria Eunice Limoeiro Borja

Genocídio expresso na criminalização seletiva do sistema jurídico penal maranhense: uma análise do perfil dos clientes das audiências de custódia.

Thaliane Rocha dos Anjos

==Videovigilância e contra-vigilância==

El rol de los organismos financieros internacionales en la implementación de la videovigilancia en los espacios públicos comopolítico de seguridad gubernamental.

Una reflexión en torno al caso de la ciudad de Mendoza, Argentina

Ana Laura Avila

Videovigilância y Corrupción en México: una Relación Ambivalente

Arturo Miguel Chípuli Castillo

Diagnóstico situacional del marco jurídico que regula la implementación de Vídeo Vigilancia como política de Seguridad Pública en México y propuesta de directrices para un modelo que garantice el respeto por los Derechos Humanos

Karina Nohemí Martínez Meza; Petra Armenta Ramírez

Olhar contra-vigilante: choque de poderes em vídeos amadores de violência urbana

Felipe da Silva Polydoro

==Arte, estética e políticas da (in)visibilidade==

À margem dos regimes de (in)visibilidade nas artes: a dimensão estética da vida nas obras da artista multimídia contemporânea

Rubiane Maia, Lindomberto Ferreira Alves

Interlocuções críticas e criativas entre design, arte e a cidade instrumentalizada

Renato Furquim Vry

Há que se ler a poética para se entender a política

Dinah de Oliveira

==Perspectivas Descoloniais==

Rede de Mulheres Negras e Rede de Ciberativistas Negras - Pará – Construção identitárias negra amazônicas coletiva e contra narrativas insurgentes.

Sabrina Figueiredo Sousa

Arquétipos afrofuturistas: as novas geografias da presença afrodiaspórica por negr@s
na ficção especulativa

Lu Ain-Zaila (Luciene Marcelino Ernesto)

“Enquadrar o enquadramento: a episteme branca e as máquinas necropolíticas de
vigilância racial”

Pedro Fornacieri Grabois

A colonialidade como laboratório da vigilância: América Latina e o rádio católico

Paulo José Olivier Moreira Lara

Memorias VI Simposio Internacional LAVITS – Asimetrías e (In)visibilidades – Vigilancia, Género y Raza

Fernanda Bruno
Graciela Natansohn
Henrique Parra
Paola Barreto
Rodrigo Firmino

Una red no tiene medida. O incluso: una red tiene el tamaño de sus conexiones. No hay, entonces, dimensión ni escala predefinida cuando efectivamente operamos en red, pues ella crece o disminuye, toma esa o aquella dirección a partir de los encuentros, colaboraciones, rupturas y reconexiones que establece en su recorrido. La red LAVITS celebra, con este evento realizado en Salvador, 10 años de conexiones. Su edad, su forma y su medida son el resultado de todos los procesos tejidos a lo largo de múltiples colaboraciones construidas entre 2009 y 2019. Las profusas e intensas encrucijadas de la ciudad de Salvador, Bahía, no podrían ser terreno más fecundo para tal celebración.

Cuando imaginamos, en 2017, realizar el VI Simposio Internacional de la Red LAVITS en Salvador vislumbramos en esa ciudad (ou territorio) un suelo fértil para situar y dar cuerpo al debate sobre tecnologías de vigilancia y sociedad, considerando nuestro contexto latinoamericano forjado en la colonialidad. A partir de 2018 consideramos esa decisión no solo acertada, sino especialmente oportuna, dada la ferocidad del marco político del país (impulsado en gran medida por las tecnologías generalizadas de los grupos de WhatsApp y canales de fake news en las redes sociales), y la consolidación del noreste brasileiro como espacio relevante de resistencia y lucha.

Con su urbanidad marcada desde la fundación por proyectos de exclusión ejecutados por políticas de muerte, la primera capital de Brasil se yergue como fuerte de la colonia portuguesa en medio del territorio tupinambá. Es en esta tierra donde las tecnologías del siglo XVI llegan barriendo pueblos originarios e instalando la empresa colonial – donde se producen no solo epistemicidios, sino también tecnologías de resistencia y *reexistencia*, sobre todo, a partir de la llegada de los pueblos africanos

traídos aquí como esclavos. Como eje afro-atlántico, Salvador, la Roma Negra, reúne, en su imaginario y su geografía, luchas históricas y contemporáneas. Es ese el germen que procuramos activar a través de la intensa programación de tres días que compuso el Simposio *Asimetrías e (In)visibilidades: vigilancia, género y raza*.

Fue extremadamente relevante y oportuno también, que la sede del Simposio haya sido la Universidad Federal de Bahía, no solo por su tradición y excelencia en investigación sobre cuestiones raciales, sino por ser pionera en investigación sobre género y tecnología en Brasil, con un enfoque interdisciplinar en el campo de las artes y las humanidades (lideradas por el grupo Gig@ - Facom y el IHACS, respectivamente, ambos coorganizadores del Simposio). Nos encontramos así con las condiciones y conexiones más favorables para debatir y enfrentar los temas propuestos en el evento.

A pesar de que la creciente presencia de procesos de vigilancia en los espacios urbanos, informáticos y sociales sea un fenómeno global, sus trazos locales comportan peculiaridades que merecen ser estudiadas y debatidas. Se sabe que en América Latina, y en particular en Brasil, las tecnologías y prácticas de vigilancia y control están históricamente atadas a estructuras coloniales, estatales y económicas de producción de desigualdades, segregación o incluso exterminio de poblaciones específicas, especialmente la indígena y la negra. Se sabe también que la criminalización de la pobreza viene siendo reproducida en diferentes momentos de la historia latinoamericana y brasilera, tornando territorios y comunidades pobres, objetivo privilegiado de la violencia, de la vigilancia y del control por parte del Estado. Al mismo tiempo, son históricamente conocidas las diversas formas de control y vigilancia sobre el cuerpo, la vida y las mujeres, muchas aún presentes, bajo viejas o nuevas prácticas.

A pesar de lo evidente de todos esos procesos, los estudios de vigilancia no les han dedicado aún la debida atención. Esta edición de Simposio Internacional LAVITS estuvo centrada en esa carencia, teniendo en cuenta tanto los legados históricos de la relación entre vigilancia, género y raza, como sus facetas contemporáneas. Las arquitecturas, dinámicas y tecnologías actuales de vigilancia continúan marcadas por una fuerte asimetría, vigilando, controlando y castigando a ciertos grupos y garantizando seguridad, confort y movilidad a otros. Los aparatos de vigilancia y control siguen operando entre la invisibilidad de los sujetos y de los cuerpos

subyugados y la híper-visibilidad del cuerpo racializado, del cuerpo sexualmente mercantilizado de la mujer o del cuerpo transexual hostilizado. Tales regímenes de (in)visibilidad se articulan con arquitecturas de violencia que hacen de algunos más peligrosos, más indeseables, más matables que otros. Comprender los legados de esas asimetrías e invisibilidades, así como explorar y analizar las formas que ellas asumen en los aparatos contemporáneos de vigilancia apunta, no solo a llenar un vacío en la producción de conocimiento, sino a ampliar los horizontes de investigación y de debate público y científico sobre el tema.

La convocatoria inicial para la sumisión de resúmenes, dirigida a investigadores, artistas y activistas, indicaba una vasta lista temática cuyos tópicos fueros presentados en forma de ponencias individuales, talleres, sesiones temáticas e intervenciones artísticas:

- Vigilancia, desigualdades y vulnerabilidades
- Asimetrías de la vigilancia: racismo y sexismo
- Afectos y tecnologías: redes de control e insurgencia
- Cuerpos técnicas y regímenes de (in)visibilidad
- Arte, estética y políticas de la (in)visibilidad
- Subjetividades y modos de subjetivación en la cultura de la vigilancia
- Tecnoactivismos, feminismos y narrativas (storytelling)
- Tecnopolítica de lo común: producción, apropiación, extracción y resistencias
- Saberes, tecnologías y resistencias: ancestralidad y decolonialidad
- Laboratorios, metodologías de investigación y prácticas experimentales en estudios de vigilancia
- Investigación Acción: investigación activista; ficción; simulación; prefiguración y prototipos
- Legados de vigilancia y tácticas de resistencia en América Latina: quilombos, pueblos nativos, trabajadores de la tierra, etc.
- Movimientos sociales y conflictos: anonimato, criptografía y seguridad

- Comunicación pública sobre vigilancia en América Latina: especificidades y desafíos
- Necropolítica, estado y neoliberalismo: poblaciones, territorios y estilos de vida vulnerables
- Democracia, excepción y autoritarismo en el capitalismo de vigilancia
- Discurso de odio y desinformación en redes sociotécnicas
- Democracia y maquinarias de control
- Elecciones y Big Data
- Gubernamentalidad algorítmica, inteligencia artificial y capitalismo maquínico
- Datos personales, comportamentales y psicométricos en redes sociotécnicas
- Capitalismo de vigilancia, de plataforma y uso económico de datos informacionales
- Trabajo digital global en el capitalismo de plataformas y vigilancia
- Trabajo y automatización: control, regulación, extracción, derechos
- Ciudades y territorios: de la gestión "inteligente" a la militarización de la vida cotidiana
- Territorialidades subversivas
- Políticas de verticalidad: drones, satélites y visibilidades de sobrevuelo
- Infraestructura e hiperobjetos de vigilancia y control

Además de los trabajos enviados y presentados, el evento contó con la participación de investigadoras e investigadores invitados, cuyos campos de actuación incluyen la academia, el periodismo, las artes, la seguridad pública, organizaciones comunitarias

de base, el tecnoactivismo y el feminismo en las Américas, Latina y del Norte⁸. La conferencia de abertura de Simone Browne⁹ dio el tono y la medida, trayendo una lectura del dispositivo panóptico, no a partir de la torre de Bentham, sino del navío negrero, pensando la *plantation*, el sistema colonial y la esclavitud como tecnologías de vigilancia y control. Con el diseño de las demás mesas¹⁰ buscamos construir con nuestras invitadas un panorama transversal sobre la tecnología y los modos de observar y cuidar. Históricamente el concepto de tecnología se constituye como categoría que se opone al “primitivismo” de cuerpos racializados o la incapacidad de cuerpos feminizados, como si éstos no produjeran tecnología o como si la idea de tecnología no fuera, ella misma, producción racializada y generificada. Al pensar la vigilancia a partir de género y raza, producimos otras tensiones y modos de pensar las tecnologías, que hacen posible desarmar las trampas de la colonialidad y crear modos de subjetivación potentes.

Este reposicionamiento de la mirada hacia la vigilancia buscaba consolidar nuevas pautas tecnopolíticas decoloniales, no solo en los instantes pasajeros del Simposio, sino también en la existencia y en la organización de la Red LAVITS. La imagen de síntesis que configuró la llamada de trabajos y toda la apuesta visual del evento es un graffiti de inspiración afrofuturista realizado por la artista bahiana Octaedro, estudiante de la UFBA. En ella vemos una mujer negra sosteniendo un objeto de poder, lo que puede remitirnos tanto a las sociedades secretas femeninas y su protagonismo en las luchas bahianas por la independencia y la abolición, como a las Pretas Hacker, organización que reúne mujeres negras que trabajan con tecnología hoy en Brasil, sin las cuales el VI Simposio no hubiera sido igual. “Mujer negra es revolución!” afirma otro graffiti reproducido en las calles de Salvador. En ese marco, el Simposio no hubiera podido terminar de forma más apropiada: con la marisquera Eliete Paraguassu que cerró la última mesa trayendo a escena la lucha de las comunidades de quilombos contra la extracción de petróleo en la Isla de Maré.

⁸ Participantes invitadas/os, ver: http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/06/Mesas-Redondas_LAVITS-2019.pdf

⁹ Profesora asociada del Departamento de Estudios Africanos y Diáspora Africana de la Universidad de Texas, Austin, EUA, y autora del libro *Dark Matters: on the Surveillance of Blackness* (Duke University Press, 2015).

¹⁰ Programación de las mesas redondas, ver: http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/06/Mesas-Redondas_LAVITS-2019.pdf.

La intensa programación artística compuso un amplio cuadro de estéticas de la vigilancia, incluyendo espectáculos teatrales, performances, instalaciones interactivas, exposiciones fotográficas y videos. Las obras y performances presentadas contaron con una importante participación de artistas brasileros, especialmente de Bahía, además de una realización audiovisual canadiense¹¹. Con enfoque en la pluralidad, el evento reunió investigadoras/res de México, Costa Rica, Argentina, Chile, España, Suiza, Reino Unido y Canadá. En números: hubo más de 700 inscritos, más de 100 trabajos individuales presentados, programación artística diaria con casi 20 trabajos en diferentes medios e idiomas, 4 mesas de debate, 8 talleres, 5 sesiones libres y exposiciones paralelas de estudiantes de la UFBA.

La pluralidad que marcó las intervenciones y debates en los tres días del evento se refleja en los 58 artículos reunidos en estas Memorias. Los trabajos enviados para la publicación final fueron organizados en 11 sesiones, para potencializar el diálogo interdisciplinar y transversal en composiciones y contextos específicos, desbordando los límites inicialmente trazados por las sesiones temáticas¹² del Simposio. En esta edición se hizo evidente cómo las perspectivas de género y raza estuvieron presentes en todas las sesiones, complejizando el campo de estudios de vigilancia. Estudios empíricos y teóricos que exploran las convergencias entre la creciente aplicación de algoritmos para la gestión de la vida social y la actualización de dispositivos sexistas y racistas; las metamorfosis en los modos de subjetivación y la sexualidad en los procesos técnicamente mediados; las formas de resistencia que son inventadas ante nuevas formas de control; la expansión de procesos de militarización, titulación y sus lazos con la necropolítica, destacando su distribución selectiva y asimétrica sobre poblaciones específicas.

La concentración, en la UFBA, de investigadoras/res y pensadoras/res de relevancia nacional e internacional en el campo de los estudios de vigilancia, tecnología y sociedad potencializó la vocación de la universidad pública y gratuita brasilerana para la

¹¹ Además de la importante participación de artistas bahianos, las intervenciones contaron con la participación de artistas de Rio Grande do Norte, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo y Canadá. Programación de las intervenciones artísticas, ver http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/06/Interven%C3%A7%C3%B5es-Art%C3%ADsticas_LAVITS-2019-1.pdf

¹² La programación completa de todos los trabajos aprobados y su distribución en las sesiones temáticas del evento está disponible aquí: http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/06/Sesso%CC%83es-Tema%CC%81ticas_LAVITS-2019.pdf

formación y la lucha por derechos, libertades, diversidad y experimentación. Las temáticas, perspectivas y presencias intelectuales, epistemológicas, corporales y estéticas que marcaron el simposio no tendrían la fuerza y calidad que tuvieron sin el sello reciente y contundente de la política de cuotas raciales y sociales en la universidad pública brasileira. Al mismo tiempo, todos esos aspectos ganan efectivo poder transformador cuando amplían y sacuden las fronteras de la investigación y del pensamiento académico, tejiendo nuevas conexiones y “zonas de vecindad” como afirmó Fernanda Monteiro. Todo ese proceso, realimentado en un encuentro con sede en la Universidad Federal de Bahía y materializado parcialmente en estas Memorias¹³, subraya un sentido de oportunidad - *kairòs*- como recordó el artista baiano Diego Araújo, en refinada reflexión sobre tiempo crónico e *Iroko*. En esa encrucijada saludamos la pedagogía de Exu (Luiz Rufino¹⁴) y esperamos que nuevos gérmenes fructifiquen en nuestra Red LAVITS.

Índice

==Vida Algorítmica, racismo y modos de subjetivación==

Racismo Algorítmico en Plataformas digitales: microagresiones y discriminación en código.

Tarcízio Roberto da Silva

La industria de la influencia y la gestión algorítmica de la atención

Anna Bentes

¹³ Al igual que en los otros Simposios Internacionales de LAVITS, las Memorias reúnen los textos completos de los trabajos presentados en las sesiones temáticas y en las sesiones libres del evento, cuya publicación fue autorizada por sus autores. Se pueden ver otras participaciones en talleres, intervenciones artísticas, conferencias y mesas redondas en el programa del evento y en el registro audiovisual disponible en este enlace: <http://lavits.org/confira-a-programacao-do-vi-simposio-internacional-lavits/?lang=pt>

¹⁴ Ver: Rufino, L. Pedagogia das Encruzilhadas, 2018. Disponible en <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504>

Modulaciones Algorítmicas en Facebook: analizando tecnologías de orientación de comportamiento a partir de sus patentes

Débora Franco Machado

Vigilancia policial predictiva, Discriminación Algorítmica y Racismo: Potencialidades y Reflejos en Brasil

Pedro Arthur Capelari de Lucena

La evolución de los mecanismos de rastreo y vigilancia intrusivos en clientes web

Rodolfo da Silva Avelino

Algoritmos y autonomía: relaciones de poder y resistencia en el capitalismo de vigilancia

Adriana Veloso Meireles

El ranking del hombre endeudado: sobre modos de subjetivización a partir del nuevo Registro Positivo

Paula Cardoso Pereira

La reprogramación de la sociedad en los discursos sobre algoritmos

Sergio Amadeu da Silveira; Lucas do Vale Moura; Lucas Theodoro Guimarães de Almeida

Gubernamentalidad algorítmica y Big Data: el uso de la correlación de datos como criterio de toma de decisiones

Francisca Alana Araújo Aragão y Pablo Severiano Benevides

==Tecnopolítica, Cuerpos, Género y Raza==

Una mirada sobre la influencia de las tecnologías de la información y la comunicación sobre las relaciones de género

Antonia Juliana Rodrigues Silva

“Cargo a su hijo por R\$100 mil”: visibilidad y vigilancia en los discursos y prácticas sobre barrigas de alquiler y adopción en internet

Angélica Fonsêca de Freitas

“Joven”, “bonita”, “no tenía novio”: cuerpo, género y representaciones sociales en las narrativas mediáticas sobre episodios de violencia contra la mujer

Amanda Tavares de Melo Diniz

Nosotros, viejos de espíritu joven: riesgo y vigilancia en el sentido de la vejez contemporánea

Cláudia Linhares Sanz; Mirella Ramos Costa Pessoa

Miradas invisibles: vigilancia y solidaridad femenina en red

Julia M. Sampaio; Teresa Soter

Personas y presencias trans: academia e internet como espacios de construcción de conocimiento

Marilia Neri; Sônia Sampaio

Redes sociales e incidencia política feminista: un análisis de la presencia de la Marcha

das Vadias Recife en Facebook

Nataly de Queiroz Lima

La ciudad de la furia: reclamos feministas y castigo patriarcal en Santa Fe, Argentina
(enero de 2019)

María Laura Schaufler

==Tecnoactivismo, raza y género==

De: AssataShakur Para: Red de Ciberactivistas Negras

Viviane Rodrigues Gomes

¿Cuál es esa fuerza que ven en la mujer negra? Lecturas de activismos y opresión
horizontal

Giovana de Carvalho Castro

“Narrativas codificadas: las historias que las mujeres negras que actúan en ambientes
de producción de tecnología digital quieren contar”

Claudiana Aparecida Bezera Cabral

Quilombos digitales: desafíos para pensar contemporáneamente el tránsito de
imágenes y narrativas

Paola Barreto LeBlanc

Mujeres tecnólogas y hackers: anotaciones sobre las experiencias de (as)simetrías e
(in)visibilidades de colectivas brasileiras

Josemira Silva Reis e Ana María González Ramos

==Sexualidad, afecto y relaciones técnicamente mediadas==

BoyErased: vigilancias y coerciones de la heterosexualidad compulsoria en la cultura
brasileña contemporánea

Igor Sacramento; Allan Santos; Júlio César Sanches

Lesbianidades en red: visibilidades e invisibilidades en YouTube

Joana Ziller; Flora Villas Carvalho; GabLamounier; Isadora Rezende Junqueira Fachardo;
LeínerHoki; Lidia de Paula Ferreira Teixeira; Marina Morena

Los “apps gay para ligar” y los estigmas serológicos

Matheuz Catrinck Lara

La vigilancia del afecto en la territorialidad digital: régimen de control de los cuerpos
en el aplicativo Grindr

Thiago Scarpato Mozer

==Democracia, Política, Bigdata==

Las redes del conservadurismo brasileño. Mapeando la nueva derecha en Youtube

Francisco Weichsler Kerche Nunes

¿Perspectivas del Norte para un mejor Sur? Una encuesta sobre enfoques en Big Data
y Sociedad

Guilherme Cavalcante Silva

Arquitectura-Diagrama y las Cartografías del poder

Ariadne Morais Silva; Solange Valladão

Made in Surveillance: La regulación de la importación y del uso de tecnologías de vigilancia extranjeras y la relativización de los derechos fundamentales y de la soberanía estatal

Marina Canto

Whatsapp: el desorden de la información en las elecciones presidenciales brasileras de 2018

Silvana Lemos de Almeida; Priscila Ramos Carvalho; Naiara Silva Evangelo; Roni Franci DutraFilgueiras

Discurso político en redes sociales: las estrategias discursivas de los senadores sobre el Impeachment de Dilma

Milena Mangabeira da Silva; Ruth de Cássia dos Reis

==Economía Política de la Información, Trabajo, Derechos==

La reorganización política y económica del trabajo alrededor de influenciadoras digitales negras

Lídia Michelle Damaceno Azevedo

Colectando datos sobre el Capitalismo de Vigilancia en las instituciones públicas de educación superior de Brasil

Leonardo Ribeiro da Cruz; Filipe Saraiva; TelAmiel

Conspiración y compromiso de YouTube: el modelo de negocio paranoico de plataformas

Paulo Faltay

==Ciudades, Territorios, Algorítmicos==

SmartCities como dispositivos biopolíticos

Priscilla Alves Teixeira Branco

Seguridad y disciplina: retóricas de la vigilancia en la publicidad inmobiliaria en Recife

Marcela Barbosa Lins

Ojos humanos, cámaras digitales, sueños algorítmicos. El ensamblado local de vigilantes electrónicos en la ciudad de Ensenada

Martín Javier Urtasun

Ciudades Tontas, Ciudades Inteligentes, Ciudades Hábiles

Jéssica da Silva David, Ulisses dos Anjos Carvalho e Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

== Securitización, Militarización, Necropolítica==

El DNA de Moro: el proyecto de Ley Anticrimen bajo la óptica de la protección de los datos personales

Helena Martins do Rêgo Barreto

Las vidas invisibles en las favelas donde el protagonista es la fuerza policial

Janaina Dias Barcelos

Políticas de muerte y precarización de la vida: Relato de madres sobre los homicidios juveniles en Fortaleza (CE)

Jéssica Silva Rodrigues; João Paulo Pereira Barros

Dispositivo de Seguridad y Racionalidad necrobiopolítica: qué dicen los jóvenes negros(as) sobre la “Célula de Protección Comunitaria” en Fortaleza?

Aldemar Ferreira da Costa; João Paulo Pereira Barros

Actos de resistencia: articulación de las imágenes de violencia policial y las rupturas en la incomunicabilidad parental

Pedro Alencar Sant’Ana do Nascimento; Elianne Ivo Barroso

Violencia urbana y juventudes: efectos de la necropolítica en el día a día de escuelas públicas en contextos periféricos de Fortaleza

Laisa Forte Cavalcante; João Paulo Pereira Barros

La “raza” de la mujer negra en la Policía Militar en el Estado de Río de Janeiro

Marta Maria de Andrade Gomes

La criminalización de movimientos sociales como tentativa de invisibilidad y silenciamiento de las voces y de la resistencia en la actual coyuntura brasilera

Ana Cristina Leal Ribeiro; Marília Neri; Nelson Rocha Lima; Maria Eunice Limoeiro Borja

Genocidio manifiesto en la criminalización selectiva del sistema jurídico penal de Maranhão: un análisis del perfil de los clientes de las audiencias de custodia.

Thaliane Rocha dos Anjos

==Videovigilancia y contra-vigilancia==

El rol de los organismos financieros internacionales en la implementación de la videovigilancia en los espacios públicos como política de seguridad gubernamental. Una reflexión en torno al caso de la ciudad de Mendoza, Argentina

Ana Laura Avila

Videovigilancia y Corrupción en México: una Relación Ambivalente

Arturo Miguel Chípuli Castillo

Diagnóstico situacional del marco jurídico que regula la implementación de Vídeo Vigilancia como política de Seguridad Pública en México y propuesta de directrices para un modelo que garantice el respeto por los Derechos Humanos

Karina Nohemí Martínez Meza; Petra Armenta Ramírez

Mirada contra-vigilante: choque de poderes en videos aficionados de violencia urbana

Felipe da Silva Polydoro

==Arte, estética y políticas de la (in)visibilidad==

Al margen de los regímenes de (in)visibilidad en las artes: la dimensión estética de la vida en las obras de la artista multimedia contemporánea

Rubiane Maia, Lindomberto Ferreira Alves

Interlocuciones críticas y creativas entre diseño, arte y la ciudad instrumentalizada

Renato FurquimVry

Debe leerse la poética para entender la política

Dinah de Oliveira

==Perspectivas Decoloniales==

Red de Mujeres Negras y red de Ciberactivistas Negras - Pará - Construcción identitaria negra amazónica colectiva y contranarrativas insurgentes

Sabrina Figueiredo Sousa

Arquetipos afrofuturistas: las nuevas geografías de la presencia afrodiaspórica por negr@s en la ficción especulativa

Lu Ain-Zaila (Luciene Marcelino Ernesto)

Encuadrar el encuadre: la episteme blanca y las máquinas necropolíticas de Vigilancia

Pedro Fornacieri Grabois

La colonialidad como laboratorio de la vigilancia: América Latina y la radio católica

Paulo José Olivier Moreira Lara

Proceedings of the 6th LAVITS International Symposium – Asymmetries and (In)visibilities – Surveillance, Gender and Race

Introduction

Fernanda Bruno
Graciela Natansohn
Henrique Parra
Paola Barreto
Rodrigo Firmino

A network is measureless. Or, rather, a network features the measure of its connections. Consequently, there is no predefined dimension or scale when we effectively operate in network, since it grows or shrinks, takes this or that direction as encounters, partnerships, ruptures and relinks are established along its course. LAVITS celebrates 10 years of connections with the event carried out in Salvador. Its age, its form and its measure are the result of all the processes woven into the course of the multiple partnerships built between 2009 and 2019. The profuse and powerful crossroads that is the city of Salvador, Bahia, could not constitute a more fertile terrain for such celebration.

When we first thought we could carry out the 6th LAVITS International Symposium in Salvador, as far back as 2017, we envisaged in such place a fertile soil to situate and embody the debate about surveillance technology and society, considering our Latin American context forged in coloniality. From 2018, this decision proved to be not only correct, but especially opportune, given the polarization of the country's political life (driven to a great extent by the pervasive technologies of Whatsapp and fake news channels in social networks), and the consolidation of the Northeast of Brazil as a relevant site for resistance and struggle.

The urban fabric of the city has been marked, since its foundation, by exclusion projects carried out by lethal policies. Salvador was Brazil's first capital, a fortress of the Portuguese Crown erected within the original Tupinambá people's territory. The incoming 1600's technologies swept away the original peoples and set up the colonial

enterprise – as not only epistemicides were perpetrated, but also as technologies of resistance and *resistence* emerged, especially from the point when African populations arrived in Brazil, disembarked as slaves. As the AfroAtlantic axis, Salvador, the Black Rome, brings together in its imaginary and in its geography, historical and contemporary struggles. This is the germ we sought to activate with the intense three-day programme of the *Asymmetries and (In)visibilities: surveillance, gender and race* symposium.

It is extremely relevant and opportune, additionally, that the Symposium was hosted by the Federal University of Bahia, not only due to its tradition and excellence on the research on race issues, but also by its pioneering research on gender and technology in Brazil, as well as its interdisciplinary approach in the fields of art and humanities (led by the group Gig@ - Facom and by IHACS, both co-organisers of the Symposium). We found ourselves, then, in more favourable conditions and connections for debating and tackling the subjects proposed by the event.

Although the increasing presence of surveillance processes in urban, informational and social spaces is a global phenomenon, their local inscriptions hold peculiarities that merit research and debate. It is known that in Latin America, and in Brazil in particular, surveillance and control technologies and practices are historically linked to colonial, State and economic structures for the production of inequalities, segregation or even for the extermination of specific populations, especially the original indigenous and black populations. It is known, equally, that the criminalisation of poverty has been reproduced in different moments of Latin American and Brazilian history, making of poor territories, communities and populations, privileged targets for violence, surveillance and control by the State. At the same time, the diverse forms of control and surveillance over women's lives and bodies, many of these still prevalent, under the guise of old or new practices, are historically known.

Despite the evidence around all such processes, surveillance studies have yet to pay them due attention. This edition of the LAVITS International Symposium focuses on addressing this gap, taking into account both the historical heritages of the relationship between surveillance, gender and race and its contemporary developments. The present surveillance architectures, dynamics and technologies

persist being marked by strong asymmetry as they survey, control and punish certain groups and simultaneously provide security, comfort and mobility to others. The surveillance and control apparatuses remain operating between the invisibility of the subjugated subjects and bodies and the hypervisibility of the racialised body, of the extremely sexually commodified female body or the antagonised transsexual body. Such (in)visibility articulates with architectures of violence that render some groups more suspect, more dangerous, more undesirable, more killable than others. The understanding of the heritages of such asymmetries and invisibilities, as well as the analysis of the forms that they take up in contemporary surveillance apparatuses, aims not only at filling a gap in the production of knowledge, but also seeks to open horizons of research and of public and scientific debate.

The initial call for papers for the symposium, aimed at researchers, artists and activists, indicated a vast list of subjects, variously explored in the form of individual presentations, workshops, thematic sessions and artistic interventions:

- Surveillance, inequalities and vulnerabilities
- Asymmetries of surveillance: racism and sexism
- Affects and technologies: control and insurgency networks
- Bodies, techniques and (in) visibility regimes
- Art, aesthetics and (in) visibility policies
- Subjectivities and modes of subjectivation in surveillance culture
- Techno-activism, feminism and storytelling
- Technopolitics of the common: production, appropriation, extraction and resistances
- Knowledge, technologies and resistance: ancestry and decoloniality
- Laboratories, research methodologies and experimental practices in surveillance studies

- Research and Intervention: activist research; fiction; simulation; pre-figuration and prototypes.
- Surveillance inheritance and resistance tactics in Latin America: quilombolas, indigenous peoples, land workers etc.
- Social movements and conflicts: anonymity, cryptography and security
- Public communication on surveillance in Latin America: specificities and challenges
- Necropolitics, the State and neoliberalism: vulnerable populations, territories and ways of life
- Democracy, Exception and Authoritarianism in surveillance capitalism
- Discourse of hatred and disinformation in sociotechnical networks
- Democracy and control machinery
- Elections and Big Data
- Algorithmic governmentality, artificial intelligence and machinic capitalism
- Personal, behavioral and psychometric data in sociotechnical networks
- Surveillance, platform capitalism and the economic use of informational data
- Global digital work on platform and surveillance capitalism
- Work and automation: control, regulation, extraction, rights
- Cities and territories: from smart management to the militarization of daily life
- Subversive Territorialities
- Verticality policies: drones, satellites and overhead visibilities
- Infrastructures and hyper-objects of surveillance and control

In addition to the papers or other types of work presented, the event relied on the participation of invited researchers, whose fields included Academia, journalism, the arts, public security, grass-roots community organisations, technoactivism and

feminism in Latin and North Americas¹⁵. Simone Browne's¹⁶ opening keynote conference set the tone and the measure of the event, bringing in a reading of the panoptic device, not from Bentham's tower, but from the slave ship, thinking the plantation, the colonial system and slavery as surveillance and control technologies. In the composition of the other panels¹⁷, we sought to build, with our guest colleagues, an intersectional view of technology and ways of seeing and caring. Historically, the concept of technology is constituted as a category that is opposed to the "primitivism" of racialised bodies or to the incapacity of feminised bodies, as if these did not produce technology or as if this very idea of technology was not, in itself, a racialised and gendered production. As we think surveillance from the point of view of gender and race, we produce fresh clashes and ways of thinking technologies that allow for the disarming of coloniality's traps and the creation of potent subjectification modes.

This repositioning of the gaze on surveillance sought to consolidate new technopolitical decolonising agendas, not only for the short duration of the symposium, but also for the very existence and organisation of LAVITS as a Network.

The synthetic image that configured the call for papers and all the visibility of the event is the graffiti of Afrofuturist inspiration designed by local (Salvador) female artist Octaedro, an undergraduate student at UFBA. The graffiti shows a black woman holding an object of power, harking back both to the secret feminist societies and their protagonism in the local Bahian struggles for independence and abolition and to *Pretas Hacker*, an organisation that brings together black women who work with technology in Brazil. Without the latter, the 6th Symposium could not have happened in the form it did. "Black women are revolution!" celebrates another graffiti written on the walls of Salvador. Thus, the Symposium could not have concluded more appropriately: with clam gatherer Eliete Paraguassu, who brought in, in the closing panel, the struggle of the *quilombola* communities against oil exploitation in the Maré

15 Cf. List of guest participants at http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/06/Mesas-Redondas_LAVITS-2019.pdf

16 Associate Professor at the Department of African Studies and African Diaspora of the University of Texas, Austin, USA, and author of the book *Dark Matters: on the Surveillance of Blackness* (Duke University Press, 2015).

17 Cf. Discussion Panels Programme at http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/06/Mesas-Redondas_LAVITS-2019.pdf.

island.

The intense art programme composed a wide scenario of surveillance aesthetics, including theatre plays, performances, interactive installations, photographic exhibitions and video projections. The pieces shown and performances carried out relied on the strong participation of Brazilian artists, especially those from Bahia, besides a film production from Canada¹⁸. With a focus on plurality, the event brought together researchers from many parts of Brazil, with a notable presence of the northeastern states, alongside researchers from Mexico, Costa Rica, Argentina, Chile, Spain, Switzerland, United Kingdom and Canada. In numbers: over 700 registered participants, over 100 individual pieces presented, a daily artistic programme featuring almost 20 pieces in distinct media and languages, four debate panels, eight workshops, five free sessions and parallel shows by UFBA students.

The plurality that marked the interventions and debates over the three days of the event is felt in the 58 articles brought together in these proceedings. The work sent for final publication were organised into eleven sessions, so as to potentialise interdisciplinary and intersectional dialogue in specific compositions and contexts, overflowing the limits initially designed by the symposium's thematic sessions¹⁹. It became clear in this edition how the perspectives of gender and race were present in all sessions, rendering the field of surveillance studies more complex. This fresh diversity found expression in the empirical and theoretical studies that explore the convergence between the growing application of algorithms for the management of social life and the updating of sexist and racist devices; in the metamorphoses in the modes of subjectification in technically mediated processes; in the forms of resistance that are invented in the face of new forms of control; in the processes of militarisation, of security expansion and their weaving into necropolitics, highlighting its selective and asymmetric distribution over specific populations.

18 Besides the strong participation by Bahian artists, the interventions also involved artists from the Brazilian states of Rio Grande do Norte, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo, and also from Canadá. Cf. Artistic Interventions Programme at http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/06/Interven%C3%A7%C3%B5es-Art%C3%ADsticas_LAVITS-2019-1.pdf

19 The full programme of all the accepted work presentation and their distribution into thematic sessions of the event is available here at: http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/06/Sesso%CC%83es-Tema%CC%81ticas_LAVITS-2019.pdf

The meeting, at UFBA, of researchers and thinkers of national and international prestige in the fields of surveillance, technologies and society, has potentiated the vocation of Brazilian free and public universities both for education and for the struggle for rights, freedom, diversity and experimentation. The themes, perspectives and intellectual, epistemological, bodily and aesthetics presences that so marked the symposium could not have featured the force and quality shown were not for the recent and decisive weight of racial and social admission quotas practised in Brazilian public universities. At the same time, all of these aspects gained effective transformative power as they widened and shifted the limits of research and of academic thinking, weaving new connections and neighbourhood zones (Fernanda Monteiro). All of this process, fostered anew at a gathering inside the Federal University of Bahia and partially materialised in these proceedings²⁰, underlines sense of opportunity – *kairòs* – as recalled by Bahian artist Diego Araújo, in a refined reflection about chronic time and *Iroko*. At this crossroads, we salute orisha Eshu's pedagogy (Luiz Rufino²¹) and hope that the new germs bear fruit within our LAVITS Network.

20 As with the other LAVITS Network International Symposia, the Annals bring together the full text of the papers presented in the event's thematic sessions and free sessions, publication being authorised by the authors. The other participations in workshops, artistic interventions, conferences and discussion panels can be found in the event's programme and in video recordings is at: <http://lavits.org/confira-a-programacao-do-vi-simposio-internacional-lavits/?lang=pt>

21 Cf. Rufino, L. Pedagogia das Encruzilhadas, 2018. Available at <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504>

Summary

==Algorithmic life, racism and modes of subjectification==

Algorithmic Racism in Digital Platforms: micro-aggressions and discrimination in code

Tarcízio Roberto da Silva

The influence industry and the algorithmic management of attention

Anna Bentes

Algorithmic modulations in Facebook: analysing technologies of behavioural guidance based on their patents

Débora Franco Machado

Predictive Policing, Algorithmic Discrimination and Racism: potentialities and reflections in Brazil

Pedro Arthur Capelari de Lucena

The Evolution of Tracking and Surveillance Intrusive Mechanisms in Web Clients

Rodolfo da Silva Avelino

Algorithms and Autonomy: power relations and resistance in surveillance capitalism

Adriana Veloso Meireles

The Ranking of the Indebted Man: about the modes of subjectification grounded on the new Positive Register (“Cadastro Positivo”)

Paula Cardoso Pereira

Reprogramming Society in Discourses about Algorithms

Sergio Amadeu da Silveira; Lucas do Vale Moura; Lucas Theodoro Guimarães de Almeida

Algorithmic Governance and Big Data: the use of data cross-referencing as a criterium for decision making

Francisca Alana Araújo Aragão; Pablo Severiano Benevides

==Technopolitics, Bodies, Gender and Race==

A Glance Over the Influence of Information and Communication Technologies over Gender Relations

Antonia Juliana Rodrigues Silva

“I’ll Carry Your Child for R\$100 thousand”: visibility and surveillance in the discourses and practices about surrogacy and adoption in the internet

Angélica Fonsêca de Freitas

“Young”, “Pretty”, “Did not have a boyfriend”: body, gender and social representations in media narratives about violence against women

Amanda Tavares de Melo Diniz

Us, Old People with a Young Spirit: risk and surveillance in the meanings of contemporary old age

Cláudia Linhares Sanz; Mirella Ramos Costa Pessoa

Invisible Gazes: surveillance and networked feminine solidarity

Julia M. Sampaio; Teresa Soter

Trans People and Presences: academia and the internet as spaces for the construction of knowledge

Marília Neri; Sônia Sampaio

Social Networks and the Incidence of Feminist Politics: an analysis of the *Marcha das Vadias Recife* in Facebook

Nataly de Queiroz Lima

City of Fury: feminist complaints and punishment in patriarchal Santa Fe, Argentina (January 2019)

María Laura Schaufler

==Technoactivism, race and gender==

From: Assata Shakur To: Black Cyberactivist Network

Viviane Rodrigues Gomes

What Strength is This That Yields from the Black Woman? Readings of activism and horizontal oppressions

Giovana de Carvalho Castro

Coded Narratives: histories that black women active in environments of digital technological production environments wish to tell

Claudiana Aparecida Bezera Cabral

Digital *Quilombos*: to think the transit of images and narratives today

Paola Barreto LeBlanc

Women Technologists and Hackers: notes about the (a)symmetric experiences and (in)visibilities of Brazilian collectives

Josemira Silva Reis and Ana María González Ramos

==Sexuality, affect and technically mediated relations==

Boy Erased: surveillances and coercions of compulsory heterosexuality in contemporary Brazilian culture

Igor Sacramento; Allan Santos; Júlio César Sanches

Networked Lesbianities: visibilities and invisibilities in YouTube

Joana Ziller; Flora Villas Carvalho; Gab Lamounier; Isadora Rezende Junqueira Fachardo; Leíner Hoki; Lidia de Paula Ferreira Teixeira; Marina Morena

The “Gay Cruising Apps” and Sorological Stigmas

Matheuz Catrinck Lara

The Surveillance of Affection in Digital Territorialisation: the regime of body control on Grindr

Thiago Scarpato Mozer

==Democracy, Politics, Big Data==

The Networks of Brazilian Conservatism: mapping the new Right in YouTube

Francisco Wechsler Kerche Nunes

North Perspectives for a Better South? A survey of Big Data approaches in Big Data & Society

Guilherme Cavalcante Silva

Architecture-Diagram and the Cartographies of Power

Ariadne Morais Silva and Solange Valladão

Made in Surveillance: the regulation of the import and use of foreign surveillance technologies and the relativisation of fundamental rights and State sovereignty

Mariana Canto

WhatsApp: information disorder in the 2018 Brazilian presidential election

Silvana Lemos de Almeida; Priscila Ramos Carvalho; Naiara Silva Evangelo; Roni Franci Dutra Filgueiras

Political Discourse in Social Networks: senators' discursive strategies on president Dilma's impeachment

Milena Mangabeira da Silva; Ruth de Cássia dos Reis

==Political Economy of Information, Labour and Rights==

The Political and Economic Reorganisation of Labour Around Black Digital Influencers

Lídia Michelle Damaceno Azevedo

Collecting data on Surveillance Capitalism in Higher Education Public Institutions in Brazil

Leonardo Ribeiro da Cruz; Filipe Saraiva; Tel Amiel

Conspiracy & Engagement on Youtube: The Paranoid Business Model of Platforms

Paulo Faltay

==Cities, Territories, Algorithms==

Smart Cities as Biopolitical Devices

Priscilla Alves Teixeira Branco

Security and Discipline: surveillance rhetoric in Recife's real estate advertising

Marcela Barbosa Lins

Human Eyes, Digital Cameras, Algorithmic Dreams: the local assembly of electronic invigilators in the city of Ensenada

Martín Javier Urtasun

Dumb Cities, Intelligent Cities and Smart Cities

Jéssica da Silva David; Ulisses dos Anjos Carvalho; Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

==Safeguarding, Militarisation, Necropolitics==

Sérgio Moro's DNA: the Anti-crime Bill from the perspective of personal data protection

Helena Martins do Rêgo Barreto

Invisible Lives in *Favelas* Where the Protagonist is Police Force

Janaina Dias Barcelos

Lethal Policies and Making Life Precarious: mothers report juvenile homicides in Fortaleza (CE)

Jéssica Silva Rodrigues; João Paulo Pereira Barros

Security Device and Necrobiopolitical Rationality: what do black youths say about the “Community Protection Cell” in Fortaleza?

Aldemar Ferreira da Costa; João Paulo Pereira Barros

“Auto de Resistência”: articulations of images of police violence and breaking parental incommunicability

Pedro Alencar Sant’Ana do Nascimento; Elianne Ivo Barroso

Urban Violence and Youths: the effects of necropolitics in the daily life of state public schools in the peripheral contexts of the city of Fortaleza

Laisa Forte Cavalcante; João Paulo Pereira Barros

The “Race” of Black Women in Rio de Janeiro’s Military Police

Marta Maria de Andrade Gomes

The Criminalisation of Social Movements as an Attempt to Render Invisible and to Silence Both Voices and Resistance in Today’s Brazilian Context

Ana Cristina Leal Ribeiro; Marília Neri; Nelson Rocha Lima; Maria Eunice Limoeiro Borja

The Genocide Expressed in the Selective Criminalisation in the State of Maranhão's Penal Legal System: an analysis of the profile of clients in custody hearings

Thaliane Rocha dos Anjos

==Video Surveillance and Countersurveillance==

The Role of International Finance Organisms in the Implementation of Video Surveillance in Public Spaces as Governmental Security Policy: a reflection about the case of the city of Mendoza, Argentina

Ana Laura Avila

Video Surveillance in Mexico: an ambivalent relation

Arturo Miguel Chípuli Castillo

Situational Diagnosis of the Legal Framework that Regulates the Implementation of Video Surveillance as Security Policy in Mexico and Proposed by the Directives of a Model that Secures the Respect of All Human Rights

Karina Nohemí Martínez Meza; Petra Armenta Ramírez

Countersurveillance Gaze: clash of powers in amateur videos of urban violence

Felipe da Silva Polydoro

==Art, aesthetics and (in)visibility politics==

On The Margins of the (In)visibility Regimes in the Arts: the aesthetic dimension of life in the work of the contemporary multimedia artist

Rubiane Maia, Lindomberto Ferreira Alves

Critical and Creative Interlocutions Between Design, Art and the Instrumentalised City

Renato Furquim Vry

Poetics Has to be Read In Order to Understand Politics

Dinah de Oliveira

==Decolonising Perspectives==

Black Women Network and Black Cyberactivists Network – Pará: the construction of black Amazonian identity and insurgent counter-narratives

Sabrina Figueiredo Sousa

Afrofuturist Archetypes: the new geographies of the Afrodiasporical presence by blacks in speculative fiction

Lu Ain-Zaila (Luciene Marcelino Ernesto)

“Framing the Frame: the white episteme and the racial surveillance necropolitical machines”

Pedro Fornacieri Grabois

Coloniality as surveillance laboratory: Latin America and Catholic radio

Paulo José Olivier Moreira Lara